

「 prosa/não ficção 」

Bruno
Mazzoco

O início da vida adulta e a casa de minha infância

Eu tinha 24 anos, o diploma de uma profissão que nunca tinha exercido e nenhum dinheiro no bolso quando resolvi sair da casa de meus pais. Também tinha uma namorada. E embora a situação dela não fosse exatamente igual à minha — ela tinha emprego —, em termos materiais estávamos no mesmo barco. Éramos pobres. Melhor dizendo: estávamos duros. Na verdade, éramos apenas jovens. E, como muitos nessa fase, começávamos a vida fora de nossos ninhos parentais experimentando alguma escassez financeira. Então, não é preciso racionalizar muito para dizer que tomamos a decisão de morar juntos apenas na empolgação.

Como nossa euforia não estava totalmente desancorada da realidade e nós dois tínhamos a cautela como traço em comum — talvez o único, penso hoje —, sabíamos que deveríamos ser modestos em nossas pretensões. Naquele momento contávamos com cerca de 1.500 reais que minha companheira ganhava para dar conta das despesas. Seguindo intuitivamente o conselho dos comentaristas de finanças pessoais da TV, buscávamos um local cujo aluguel consumisse no máximo um terço de nossa renda. Assim, sobraria dinheiro para outras contas e para o supermercado. Nossas pretensões resumiam-se, naquele momento, a dar conta dessas obrigações. Toda essa digressão, no entanto, é muito maior do que o tempo que levamos a pensar na questão. Sabíamos apenas que tínhamos

pouco dinheiro e que queríamos um lugar para morar. Depois dessa constatação, em menos de um mês estávamos em nossa nova casa.

Após a primeira visita, meu pai não encontrou palavra melhor do que “cortiço” para se referir à minha nova morada. Não me ofendi, mas também não concordei. Não, ali não era um cortiço. Um cortiço, na minha cabeça, era um local insalubre, que abrigava famílias inteiras espremidas em cômodos de casas em ruínas precariamente divididas para dar conta de acomodar muita gente em pouco espaço. O que fazia com que qualquer tentativa de privacidade não passasse de ilusão. Era um local marcado pela sujeira, pela pobreza e por brigas. E apesar de saber que meu pai estava equivocado, alguma parte de mim se incomodava, talvez até se envergonhava um pouco, por concordar que aquele não era exatamente o local em que eu imaginaria morar ao sair de casa. Mas as circunstâncias não eram propícias para nutrir orgulho ou ser esnobe. Se era para começar a conquistar minha independência naquele momento, teria que ser daquela maneira. Não havia espaço para veleidades burguesas. Ao mesmo tempo, me divertia e me angustiava ao pensar na ironia de me achar independente tendo que depender da renda de outra pessoa para pagar o aluguel. Em minha defesa, digo: menos de um mês depois da mudança, já tinha arrumado um emprego.

Minha nova casa era um quarto-sala-cozinha-banheiro incrustado em um longo corredor, onde se enfileiravam mais três habitações similares. Mas, ao contrário dos demais, que aparentavam ter passado por reformas recentes, nosso apartamento guardava todas as marcas do tempo, os sinais de antiguidade e maus cuidados que reafirmavam a inadequação daquele espaço.

Chegava-se a ele depois de atravessar o corredor de piso de cimento batido, sem acabamento, que dava acesso à rua. À esquerda ficavam as casas de minhas duas vizinhas de frente. Pelas janelas entreabertas, era possível ver o piso branco e os azulejos recém-trocados. Depois de andar uns 20 ou 30 metros, chegávamos ao pé da escada em L, também ela de cimento batido, que dava lugar ao piso de caquinhos ao chegar à entrada. As portas eram de estilo mexicano, compostas de ripas verticais que se mantinham unidas por duas peças dispostas na horizontal e outra na diagonal, formando um Z na parte de trás.

Logo ao entrar pela cozinha era possível sentir o ar ficar mais denso por conta da umidade. Quando os dias estavam quentes e abafados,

era possível ver gotículas se formarem nas paredes revestidas até a metade por azulejos brancos, encimados por peças retangulares azul-calcinha. No piso, a mesma paleta de cor da entrada. Os caquinhos, entretanto, eram substituídos por lajotas retangulares de um vermelho-terra.

Ao lado da cozinha ficava o banheiro, quase como um apêndice. Do lado oposto, a porta para a sala. Sempre achei a disposição do banheiro um tanto despropositada. Era estranho dar de cara com a cozinha logo ao sair do banho. Isso sem falar dos odores indesejáveis invadindo o ambiente onde preparávamos e consumíamos nossas refeições. Depois de algum tempo, percebi que essa peculiaridade da planta se devia a uma questão econômica. Ao instalar sanitário e cozinha lado a lado, economizava-se encanamento.

Na sala, a laje de cimento dava lugar a um ondulado assoalho de madeira, que oscilava levemente a cada passo. Um forro de tecido marrom ordinário fazia as vezes de carpete. O cheiro de mofo que subia do piso açoitava até o mais saudável dos sistemas respiratórios. Para mim, que tenho rinite, era um pequeno inferno. Ficar na sala só passou a ser tolerável depois que escovamos o carpete com desinfetante e vinagre. Lembro que o cheiro da mistura pegava na garganta e ficou quase uma semana impregnando o ambiente. As paredes, cobertas por um chapisco grosso, mais adequado para áreas externas, eram como um ralador de queijo. Ganhei alguns arranhões nos braços até aprender a evitar gestos largos quando estivesse perto delas. O quarto seguia o mesmo padrão da sala. O mesmo carpete barato, a mesma parede áspera, o mesmo cheiro de mofo. A diferença estava na janela. No quarto, venezianas. Na sala, basculantes.

Olhando em retrospecto, é possível dizer que o local onde fui morar guardava mais semelhanças com um cortiço do que eu estava disposto a aceitar. Isso não chegava a me incomodar. O que me exasperava era o preconceito embutido na fala de meu pai ao se referir à minha casa. E claro que essa exasperação tinha como substrato meu próprio preconceito.

Embora o apartamento não me agradasse, não posso dizer que minha vontade imediata de morar ali tenha vindo apenas de ponderações e premências de ordem econômica. De uma estranha maneira, aquele ambiente me era familiar. Os azulejos brancos subindo até o meio da parede, as lajotas de cerâmica vermelha, o forro ordinário, tudo isso me transportava para o apartamento de minha infância.

Até os 15 anos morei em um prédio baixo, desses antigos, de três andares, sem área de lazer ou qualquer espaço externo. Então, era frequente — antes de eu ter uns 8 ou 9 anos e minha mãe permitir que eu brincasse na rua — que meu irmãos e eu, assim como alguns vizinhos de idade semelhante, fizéssemos das escadarias e corredores nosso parque de diversões. As brincadeiras variavam. Os jogos de futebol, vôlei ou queimada eram frequentes. Vez por outra, as meninas se engajavam em algum concurso de ginástica. Depois de um tempo, algum morador sem filhos se irritava com a algazarra, e a brincadeira tinha que parar. Quando isso ocorria, às vezes os grupos se dividiam e íamos para a casa de alguém. Em outras oportunidades — quando não estava de bom humor ou quando alguma desavença mais ruidosa se instalava —, minha mãe colocava nós três para dentro de casa; tínhamos que nos contentar com a companhia uns dos outros. Assim, nos víamos obrigados, mais uma vez, a fazer uma operação de escala, adaptando as brincadeiras do corredor ao espaço ainda mais restrito de nosso apartamento. Uma das mais frequentes consistia em fazer do vão entre a mesa de jantar e a estante da sala um gol para jogar futebol com uma bola de meia. O roçar de pés e dos joelhos no chão produzia rimbos no forro marrom do piso e em nossas calças azuis de helanca do uniforme escolar.

Então, o pano de fundo para o início da minha vida adulta remetia claramente ao local de onde se formaram minhas primeiras lembranças infantis. De certa forma, em minha ânsia por liberdade, eu retornava ao apartamento de minha infância. Embora não me desse conta disso na época, talvez eu me sentisse próximo aos meus pais, vivendo uma situação análoga à que eles viveram ao iniciarem a vida juntos. A opção por algo que já me era familiar talvez se originasse de um sentimento contraditório. Ao mesmo tempo em que me sentia impelido a cortar definitivamente o cordão umbilical — pôr um fim ao transtorno de precisar dividir um apartamento de classe média com minha família, onde física e simbolicamente não havia mais espaço para mim —, precisava me sentir seguro para dar esse passo. Sem perceber, fui me refugiar em uma ideia de casa e de aconchego já conhecidos para poder enfrentar as incertezas e angústias da entrada na vida adulta.

Antes de sair de casa, minha relação com meus pais era protocolar. A mudança promoveu uma reaproximação. De um dia para outro, me vi às voltas com questões corriqueiras da nova vida de adulto (como preparar

um risoto ou os ciclos da máquina de lavar). Embora o orgulho me dissesse para não pedir ajuda aos velhos, o pragmatismo contra-argumentava que essa era a maneira mais simples e eficaz de resolver algumas questões.

Passei a apreciar – primeiro com orgulho mal disfarçado, depois com naturalidade – quando meu pai perguntava “como iam as coisas em casa”. Já minha mãe me salvava do fiasco na cozinha com suas dicas. E eu, que buscava a liberdade ao sair de casa, me distraía depois de um dia maçante de trabalho exercitando as habilidades culinárias recém-adquiridas.

Não posso afirmar que tenha sido uma reconciliação – não sei nem se de fato se deu um rompimento formal para que houvesse depois uma reconciliação –, mas acredito que o afastamento, minha declaração de independência e ao mesmo tempo os pedidos de conselho abriram uma janela para o entendimento que há muito não fazia parte de nossa relação e que – depois eu descobriria – não permaneceria aberta por muito tempo. ■

Bruno Mazzoco

Jornalista, *videomaker* e produtor audiovisual.

